

Imaginário social instituído e instituinte: movimentos, memórias e histórias da ABEM através da narrativa dos seus presidentes

Comunicação

Ivan Carlos Schwan
Universidade Federal de Santa Maria / Instituto Federal Farroupilha
Ivanschwan01@gmail.com

Resumo: Este texto traz um recorte da pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo central compreender movimentos, memórias e histórias, instituídas e instituintes da ABEM como Instituição potencializadora da Educação Musical brasileira, através das significações imaginárias construídas nas narrativas dos seus presidentes. As narrativas e a abordagem biográfica são apresentadas como potencialidades nas relações entre os presidentes, seu imaginário e a ABEM, através das significações imaginárias acerca desse lugar coletivo de representação da Educação Musical. O artigo discute o conceito de Instituição no campo do imaginário social, para pensar as relações entre as dimensões instituídas e instituintes, mediatizadas pelo social-histórico na construção da ABEM.

Palavras-chave: ABEM, Imaginário Social, Narrativas.

Este trabalho compõe parte de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo principal compreender movimentos, memórias e histórias, instituídas e instituintes da ABEM como Instituição potencializadora da Educação Musical brasileira, através das significações imaginárias construídas nas narrativas dos seus presidentes. Desde sua criação a ABEM vem congregando pesquisadores, professores e estudantes do Ensino Superior, professores da Educação Básica e de outros espaços educacionais e realizando movimentos em relação à Educação Musical brasileira. Esses movimentos têm implicado na implementação de políticas públicas para a Educação Básica, na formação e na atuação profissional em diversos níveis, nos programas de graduação e pós-graduação das áreas de Música e Educação, especialmente com relação a promoção de debates, inovação de temas, publicação, sistematização e difusão de conhecimentos do campo da Educação Musical.

A relação dos movimentos instituídos e instituintes da Associação pode ser pensada por meio da teoria do Imaginário Social (CASTORIADIS, 1982), que considera que a sociedade

enquanto instituída e instituinte é intrinsecamente histórica e demanda uma relação de tensionamentos e movimentos. Para o autor, a sociedade instituída, como “presentificação de significações” e “organização identitária-conjuntivista daquilo que é para a sociedade”¹, não se contrapõe à “sociedade instituinte, o que no social-histórico é posição, criação, fazer ser”², como um produto estável ou finalizado, mas representa movimentos de elementos instituídos no imaginário social que pode se (re)fazer e (re)significar no social-histórico.

Como objetivos específicos a pesquisa propõe (a) conhecer a memória da Associação para a construção de uma história de sua trajetória, através do imaginário presente nas narrativas, lembranças e recordações dos presidentes; (b) entender como a ABEM tem potencializado e constituído movimentos/direções e proposições, com relação à divulgação científica, à consolidação da pós-graduação, à educação básica, às escolas especializadas de música e na construção de uma identidade coletiva sobre a Educação Musical brasileira; (c) analisar o que os presidentes consideram como aspectos de representatividade política da Associação, fatores promotores de organização das linhas de pensamento, planejamento, implementação de propostas institucionais.

Na construção desses movimentos, instituídos por pesquisadores, músicos, professores, educadores musicais, escolas de música, Instituições de Ensino Superior, e outras Associações junto a ABEM, a busca de reconhecimento da educação musical como importante aos processos formativos que potencializam o desenvolvimento humano também passa pelo reconhecimento da organização de uma área, que apresenta seu campo de conhecimentos, suas especificidades, demandas e necessidades. Essas fazem parte da constituição de um imaginário de representação coletiva dos sujeitos, na medida em que esses indivíduos estabelecem e organizam uma associação, atribuindo importância e validando uma instituição que os representa.

A ABEM enquanto instituição se torna dotada de sentidos, expectativas, possibilidades, perspectivas, anseios e ambições, que não existem apenas de modo individual mas, também, e principalmente, de modo coletivo. Os associados creditam à Associação sua

¹ Castoriadis (1982, p 414).

² Castoriadis (1982, p 414).

representação, atribuem sentidos de pertencimento, sendo representados pela diretoria e pelas estruturas organizacionais da instituição. Esse movimento configura uma relação de pertencimento a um espaço, que deixa de ser somente um espaço quando são explicitadas as relações de significado que lhe confere uma nova condição. A condição que o torna um Lugar, a Instituição, Associação, ABEM.

Os movimentos instituídos da ABEM são concebidos, organizados e dinamizados em movimento social-histórico, no qual a instituição da sociedade consiste na instituição de significações imaginárias sociais. Para Castoriadis (1982) não é possível uma distinção intrínseca do social e do histórico:

O social é isso mesmo, auto-alteração, e nada é se não é isso. O social faz-se e só pode fazer-se como história; e social faz-se como temporalidade, e ele se faz cada vez como modo específico de temporalidade, e ele se faz cada vez como modo específico de temporalidade efetiva, ele se institui implicitamente como qualidade singular de temporalidade. Igualmente, não é que a história "pressuponha" a sociedade ou que aquilo de que há história seja sempre necessariamente sociedade, num sentido descritivo. O histórico é isso mesmo, auto-alteração desse modo específico de "coexistência" que é o social e nada é fora disso. O histórico se faz, e se pode fazer-se como social; o histórico é, por exemplo e por excelência, a emergência da instituição e a emergência de uma outra instituição (CASTORIADIS, 1982, p. 252).

Nesse sentido, o movimento de instituição se apresenta a medida em que

A significação imaginária social faz as coisas existirem enquanto tais coisas, apresenta-as como sendo isso que elas são – o 'isso que' sendo introduzido pela significação, que é, indissociavelmente, princípio de existência, princípio de pensamento, princípio de valor e princípio de ação (CASTORIADIS, 2002, p. 387).

Enquanto Instituição, a ABEM simboliza os significados e representações instituídas social e historicamente pelas diretorias, para representar imaginários que foram instituintes entre o coletivo de sujeitos que fazem parte da Associação, ou seja, os associados. Nesse sentido, a diretoria, representada pela figura do presidente, tanto é propositiva, quanto responde a anseios desse imaginário coletivo instituinte, em movimentos entre as dimensões instituídas e instituintes abarcadas em uma linha histórica, não necessariamente progressiva, mas capaz de se deslocar através de continuidades e tensionamentos.

As narrativas e a abordagem biográfica na construção dos movimentos, memórias e histórias da ABEM

Os movimentos, memórias e histórias da ABEM, sob a perspectiva dos presidentes em relação à Instituição, instituída e instituinte, tomam forma na pesquisa, fundamentalmente através das narrativas. Suas narrativas são materialidades fundamentais, pois reconstituem trilhas históricas que estão na memória dos presidentes, corroborando para a compreensão de processos pelos quais estes sujeitos constroem significados e para compreender em que consistem tais significados, ao considerar a complexidade de relações que estão implicadas no momento de produção das narrativas.

Para (SOUZA, 2014)

[...] processos de mediação biográfica dialogam sobre o lugar da oralidade e da escrita como dispositivos que possibilitam reflexões sobre a vida, a formação, as trajetórias individuais e coletivas, bem como sobre o respeito à liberdade, autonomia e democracia individual e social (SOUZA, 2014, p. 40).

Essa abordagem possibilita a análise de particularidades, relacionadas ao contexto social-histórico, às dimensões do simbólico e do imaginário, à constituição de processos instituídos e instituintes, às circunstâncias envolvidas com os movimentos, memórias e histórias, permitindo aproximações e interpretações de diferentes perspectivas dos presidentes. Na construção das narrativas, a abordagem biográfica estabelece íntimas relações com as significações imaginárias e a memória. Nesse sentido, considera-se que existem potencialidades de diálogo entre os âmbitos individuais e coletivos, as representações simbólicas dos sujeitos e a dimensão das significações imaginárias sociais.

As narrativas são potencialidades nas relações entre os presidentes, seu imaginário e a ABEM. Através delas, os presidentes podem (re)lembrar o que aconteceu, estabelecer sequências, encadeamentos, sentidos e implicações sobre os objetos que lhes venham à memória. Nesse sentido “a biografia se vincula a memória por implicar um processo de rememoração de fatos vividos” (SOUZA, 2018, p. 68). Isso possibilita olhar para movimentos que foram instituídos ao longo das gestões e também para movimentos instituintes, concretizados ou não, em cada diretoria, na medida em que as memórias estabelecem

aproximações com as dimensões do simbólico e das significações imaginárias sociais que estiveram ou estão presentes na Associação.

A compreensão do contexto social-histórico leva em consideração processos pelos quais os presidentes rememoram aspirações, sentidos, intenções, ideais e realizações coletivas acerca da Associação. Trata-se de interpretar as histórias narradas na dimensão das relações estabelecidas entre os processos plurais e individuais mediatizados pela memória. Memória que é ao mesmo tempo individual e coletiva, pois se estabelece na perspectiva de cada presidente, mas também é acessada com a intencionalidade de narrar sobre a ABEM.

Essa forma de narrativa constitui um meio peculiar de investigação, permeado por uma “consciência histórica, em que o presente, o passado e a expectativa do futuro se imbricam numa perspectiva tridimensional” (ABRAHÃO, 2003, p. 84). É produzida na relação entre pesquisador e entrevistado, com a intencionalidade de construir memórias sobre assuntos, objetos, fatos ou contextos, a qual leva a considerar que “esse ressignificar os fatos narrados nos indica que, ao trabalharmos com memória, o estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não” (Ibid., p. 86). Há que se levar em conta ainda que “os sentidos são inacabáveis, e deles só temos memória. A compreensão que construímos é sempre mutável”. (LIMA; GERALDI; GERALDI, 2015, p. 39).

As narrativas dos presidentes, tomadas por essa ótica, representam sentidos sobre os movimentos coletivos da ABEM, tomados por sua memória reconstitutiva (ABRAHÃO, 2003), que se constitui pela materialidade acessível ao conjunto do que é representado pela consciência. Assim, a reconstrução dos sentidos daquilo que é narrado se apresenta na análise dos elementos e seu conjunto em relação ao contexto histórico e social, na constituição de movimentos instituídos e instituintes, que tomam forma através das dimensões do simbólico.

As significações imaginárias (re)construídas na memória através das narrativas dos presidentes, compreendem a produção da memória individual disparada na lembrança de uma memória coletiva da história da ABEM. O exercício da memória, que ocorre em um tempo narrativo presente, vem carregado de experiências e de percepções que se diferenciam daqueles fatos vivenciados no passado e, por isso, (re)significados. Esse caráter dinâmico da

memória corrobora com a perspectiva de que “as fronteiras sempre móveis, que separam a memória do esquecimento, dependem do resultado transitório de um conflito entre forças que levam o passado à consciência e forças que o condenam ao esquecimento” (BUENO, 2002, p. 304). Podemos pensar essas forças em relação aos movimentos instituídos e instituintes da Associação, os quais são trazidos nas narrativas dos presidentes, através das significações imaginárias presentes na materialidade do que é rememorado.

A construção do imaginário social na dinamização de processos instituintes e instituídos da ABEM

Nas dimensões do simbólico emergem e se organizam as formas de existência e significação dos sujeitos com o mundo. A constituição do indivíduo como ser repleto de significações somente tem sua existência atrelada à sociedade como elemento social-histórico (CASTORIADIS, 1982). Essa existência é permeada de significações, as quais constituem o universo do simbólico.

Adentrar no simbólico é produzir aproximação com sentidos e significados produzidos social e individualmente. Mesmo sabendo que não conhecemos o imaginário, aproximamo-nos do que se mostra, do que nos mostram, do que elegem mostrar (OLIVEIRA; FACCO, DEUS, 2019, p. 382).

Considerando que a origem das representações e dos significados ocorre no imaginário e é materializada na constituição do símbolo (CASTORIADIS, 1982), também os indivíduos constituem significações sobre as instituições, ao passo que “instituímos formas de viver nas instituições, (res) significando-as à medida que não fazem mais sentido e vão sendo pensadas outras formas” (OLIVEIRA; FACCO; DEUS, 2019, p. 382). Através desses processos, se produzem sentidos de reconhecimento da ABEM como Instituição, presentes na dimensão simbólica de seus associados, perpassando todos os níveis e funções abarcados pela Associação.

Na dimensão simbólica os sujeitos creditam à ABEM sua representação, a significam como lugar de reconhecimento aos anseios e a subjetividade, perpassados por um plano coletivo. Esse processo ocorre no âmbito do imaginário. Ao analisar como ocorre a

constituição da subjetividade³, Carvalho (2002, p. 9) considera que “em Cornelius Castoriadis a imaginação é a capacidade última do modo de ser da subjetividade. Nela e por ela se dá a constituição subjetiva. Ela não é mera faculdade, mas sim a condição de possibilidade das faculdades”. Nesse sentido, o elemento imaginário social se coloca como possibilidade da existência humana em que, através da imaginação, é possível estabelecer as significações, o conhecimento e as relações sociais.

Para Carvalho (2002)

Castoriadis coloca a imaginação como constitutivo fundante de todo o conhecimento, de toda a capacidade criativa do homem, quer refira-se ao campo dos saberes humanos quer à presença do homem na sociedade enquanto ser de relações sociais, ou mesmo enquanto ser transcendental na relação com a divindade (CARVALHO, 2002, p. 16-17).

Nesse viés, a imaginação está na base de tudo, é a condição e a possibilidade para a criação e para a alteração, “a imaginação é fundante da existência do indivíduo social-histórico” (CARVALHO, 2002, p. 17). Assim, os processos de significação não ocorrem diretamente entre o indivíduo e a sociedade, mas sim entre o imaginário do indivíduo e a sociedade.

É na dimensão social-histórica que os processos das significações imaginárias sociais adquirem sentido. Para Castoriadis (1982),

O social-histórico não é nem a adição indefinida dos entrelaçamentos inter-subjetivos (ainda que seja também isso), nem, certamente, seu simples “produto”. O social-histórico é o coletivo anônimo, o humano-impessoal que preenche toda formação social dada, mas também a engloba, que insere cada sociedade entre as outras e as inscreve toda numa continuidade, onde de uma certa maneira estão presentes os que não existem mais, os que estão alhures e mesmo os que estão por nascer. É por um lado, estruturas dadas, instituições e obras “materializadas”, sejam elas materiais ou não; e por outro lado, o que estrutura, institui, materializa. Em uma palavra, é a união e a tensão da sociedade instituinte e da sociedade instituída, da história feita e da história se fazendo (CASTORIADIS, 1982, p. 130-131).

³ CARVALHO, Flávio José De. A Constituição da Subjetividade em Cornelius Castoriadis: A Relação Psique e Sociedade. 2002. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [s. l.], 2002. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6332/1/arquivo6765_1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

Essa dimensão que constitui a realidade social, constitui também ao indivíduo, por isso o indivíduo é um produto social, um indivíduo social, não a pura individualidade, mas um indivíduo que está conectado com todos.

As instituições existem a partir de uma dimensão simbólica, situadas social e historicamente, na qual significações e imaginários sociais contribuem com o papel de oferecer o estabelecimento da norma e das convenções. São estabelecidos sentidos que encontram em significados imaginários sociais um estado de validade coletiva. A instituição social impõe ao indivíduo o imaginário social, para que exista na coletividade. Conforme Carvalho (2002, p. 43) “a noção de instituição, permite compreender que as diversas sociedades tenham pontos em comum, e ao mesmo tempo em que a significação e a função dos elementos instituídos variam enormemente no tempo e no espaço”. Os elementos coletivos que identificam a ABEM como uma instituição com suas próprias características e especificidades se sobrepõem às aspirações individuais. Nesse momento, elementos individuais são (re)significados em uma coletividade, a qual passa a compor a esfera da ABEM Associação, Instituição.

Castoriadis (1982) considera que é plausível estabelecer certos aspectos a respeito da instituição na medida em que social e historicamente é possível posicionar-se ante a instituição. No momento que se estabelecem convenções, normas ou uma ordem, se estabelecem também sentidos e fronteiras de sentido, nas quais nasce a instituição. Essas fronteiras de sentido serão as significações imaginárias sociais que irão constituir a instituição, propriamente, para cada sociedade da qual se trata, contemplada em uma dimensão social-histórica.

Refletir sobre a constituição da ABEM enquanto associação, como um lugar de pessoas que estabelecem movimentos em relação à Educação Musical brasileira, requer pensar sobre uma diversidade de significações sociais que a constituem como Instituição. Seu estatuto, regimento interno, normas e formas organizacionais fazem parte do aparato de um conjunto de significações sociais-históricas que vêm sendo produzidas desde seu nascimento como Associação.

A instituição vai surgindo na medida em que componentes muito próprios dos indivíduos a produzem. Os indivíduos instituem à sociedade e a mesma sociedade institui aos indivíduos. Assim, na mesma dinâmica em que os membros da ABEM a significam e a dinamizam enquanto instituição, a Associação também estabelece, organiza e designa aos indivíduos enquanto membros com diferentes responsabilidades e funções. Existe aí um fluxo dinâmico, uma reciprocidade constante entre o instituinte e o instituído. Assim, para Castoriadis (1982), existe um imaginário e uma instância na qual o imaginário provoca o surgimento das instituições. Não significa que as instituições são imaginárias no ser humano ou nos sujeitos que participam da sociedade, o imaginário social é a causa dessas instituições.

Ao longo dos processos de construção das significações, as instituições sociais se sobrepõem aos indivíduos. Na significação de sentidos da esfera individual para a esfera coletiva, a instituição retira do indivíduo o significado de seu universo singular e o coloca em uma realidade social compartilhada, que lhe oferece outros sentidos,

porque a sociedade se institui instituindo um mundo de significações, porque a emergência do social-histórico é a emergência da significação e da significação como instituída [...], constatamos que a sociedade só é como instituinte e instituída e que a instituição é inconcebível sem a significação (CASTORIADIS, 1982, p. 405).

A significação imaginária social que tem valor social-histórico, é precisamente a mudança do sentido do âmbito da representação individual pelo âmbito da representação coletiva. A construção do sentido de representatividade coletiva da ABEM, a estima por parte de seus associados, pode derivar de um desejo de construir, produzir ou reivindicar algo. São significações imaginárias sociais presentes na origem da constituição da ABEM como Instituição, nas quais o sentido individual é substituído pelo sentido de representação coletiva.

É nesse momento que a instituição social irá se constituir, se formular, como uma instância de identificação ou de contraposição do sujeito, seu imaginário e a dimensão social-histórica. Assim, a ABEM emerge através de perspectivas que abarcam dimensões de uma identidade coletiva em um processo instituinte, que num determinado momento sentiu a necessidade de se organizar como Instituição para pensar a Educação Musical brasileira. Com relação ao movimento que levará a constituição da instituição, há que se considerar que

A instituição da sociedade pela sociedade instituinte apoia-se no primeiro estrato natural do dado e encontra-se sempre (até um ponto de origem insondável) numa relação de recepção/alteração com o que já tinha sido instituído (CASTORIADIS, 1982, p. 414).

Há uma diferença entre o que se perpetua e aquilo que, dentro da sociedade se autocria, se materializa como uma convenção, uma norma, se auto constitui através do estabelecimento de uma significação social e, finalmente, através do estabelecimento de uma instituição. Esses aspectos podem ser pensados tanto no momento da instituição da ABEM como Associação, quanto nas continuidades e rupturas que se apresentam dentro de sua dinâmica de existência ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, a ABEM pode ser compreendida como uma instituição vinculada ao campo da Educação Musical, o qual confere sentido a existência da Associação. A instituição ocorre como verdadeira e ao mesmo tempo como manifestação do social, na medida em que o instituinte propõe momentos de transformação e aponta para devolver uma instituição separada do social instituinte. Essa nova instituição será instituída em outra ordem, com outras significações. Assim, embora articulada com outras instituições, a ABEM se diferencia de seu processo instituinte no momento de sua instituição como associação voltada à Educação Musical.

Contudo, há um movimento a respeito da união e da tensão entre sociedade instituinte e sociedade instituída. Em relação à análise institucional de Castoriadis (1982), não há um momento final ao qual a instituição tenha que chegar de alguma forma. Isso significa que o destino do instituinte é a instituição. Dessa forma, dentro da ABEM, determinados processos se perpetuam à medida que outros findam e que surgem outros novos, também relacionados à aspectos do social-histórico.

Para refletir sobre como tais movimentos ocorrem no âmbito da ABEM, pode-se considerar também que muitos desses processos estão presentes e são explicitados por meio do estatuto e do regimento interno da Associação. Quando isso não ocorre, emerge o instituinte, que ao realizar esse processo de mudança, interrompe ou confere nova direção ao processo institucional até então vigente.

Enquanto instituinte e enquanto instituída, a sociedade é intrinsecamente história – ou seja, auto-alteração. A sociedade instituída não se opõe à sociedade instituinte como um produto morto a uma atividade que o originou; ela representa a fixidez/estabilidade relativa e transitória das formas-figuras instituídas em e pelas quais somente o imaginário radical pode ser e se fazer ser como social-histórico (CASTORIADIS, 1982, p. 416).

O social instituinte é uma força que rompe com a instituição, mas em algum momento pode converter-se também em uma força conservadora, que trata de estabelecer parâmetros que negam o movimento de transformar e modificar. São estas formas de se conceber a realidade pelas quais os indivíduos instituem as coisas, e como as coisas instituídas também são instituintes para esses indivíduos.

Considerações finais

Compreender movimentos, memórias e histórias, instituídas e instituintes da ABEM como Instituição potencializadora da Educação Musical brasileira, através das significações imaginárias construídas nas narrativas dos seus presidentes, significa também discutir os conceitos que balizam a organização de reflexões propostas na presente pesquisa. Tais conceitos vem corroborando na busca por compreensões sobre a constituição de processos históricos e sociais dos movimentos da Associação, através das memórias narradas e das significações imaginárias que conferem sentidos a esses movimentos. Por meio dos significados presentes nas narrativas, a história, a memória e os movimentos da ABEM são reconstruídos e seus processos tornam-se evidenciados. A Associação Brasileira de Educação Musical continua sendo instituída e os sujeitos se instituem nesse movimento dinâmico mediatizado pelo social-histórico.

Nesse sentido, ao rememorar, o desenvolvimento da narrativa se torna relevante nesta pesquisa, considerando que manifesta o quanto é significativo o espaço para reflexão, sob o ponto de vista dos presidentes da ABEM, para se atribuir novas leituras e significações imaginárias acerca desse lugar coletivo de representação da Educação Musical. Pensar a ABEM, no centro das narrativas biográficas dos presidentes, permite o desenvolvimento de mecanismos de memória frente ao social instituído da Associação, ao mesmo tempo em que

faz vir à tona os caminhos por eles traçados, suas formas organizacionais, proposições, objetivos e metas que foram instituintes em suas gestões.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação*, Pelotas, p. 79–95, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/viewFile/30223/pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, [s. l.], v. 28, n. 1, p. 11–30, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 ago. 2020.

CARVALHO, Flávio José De. A Constituição da Subjetividade em Cornelius Castoriadis: A Relação Psique e Sociedade. 2002. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (dissertação de mestrado), [s. l.], 2002. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/6332/1/arquivo6765_1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. São Paulo: Paz e Terra, 2002 (2ª. edição).

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 17–44, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000100017&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 ago. 2020.

OLIVEIRA, Valeska Maria Fortes De; FACCO, Samara; DEUS, Ana Iara Silva De. O lugar do imaginário na formação de professores e a criação de avatares na universidade. *Momento: diálogos em educação*, Rio Grande, 2019. v. 28, p. 381–396 Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8153/5800>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino De. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 39–50, 2014. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/11344>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SOUZA, Zelmielen Adornes De. Aproximações e distanciamentos na docência virtual em música: narrativas de professores formadores em cursos de Pedagogia da UAB. 2018. Universidade Federal de Santa Maria (tese de doutorado), [s. l.], 2018. Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13610/TES_PPGEDUCACAO_2018_SOUZA_Z_ELMIELEN.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 ago. 2020.